**A ARTE DO TEATRO NO CÍRCULO DE CULTURA: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR**

Karla Christiane de Góis Lira¹

Mestranda bolsista (CAPES) do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) na Universidade do Estado Rio Grande do Norte (UERN).

E-mail: [chrisgois1@hotmail.com](mailto:chrisgois1@hotmail.com)

Antonio Anderson Brito do Nascimento²

Graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET PEDAGOGIA) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

E-mail: [andersonb.nascimentto@gmail.com](mailto:andersonb.nascimentto@gmail.com)

Orientadora: Hostina Maria Ferreira do Nascimento³

Professora Doutora, do curso de Licenciatura em Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

E-mail: [hostinanascimento@hotmail.com.br](mailto:hostinanascimento@hotmail.com.br)

**RESUMO**

O trabalho aqui apresentado vem falar sobre uma experiência em educação popular vivenciada na Comunidade de Gangorra (Tibau/RN) dentro do projeto de extensão Diálogos em Paulo Freire e Educação Popular (LEFREIRE) da Faculdade de Educação (FE) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). O objetivo principal é desenvolver reflexões acerca do teatro como dispositivo de pesquisa, como meio pelo qual o homem se mostra como é, a partir do estudo da realidade. A partir dos principais aportes teóricos, Paulo Freire e Augusto Boal, o artigo apresenta uma abordagem qualitativa de pesquisa, que vem permitir uma reflexão sobre a atuação do teatro do oprimido em atividades inspiradas nos círculos de cultura. Acreditamos que a experiência aqui apresentada contribui para a formação humana e profissional de professores por vislumbrar o ser social em sua essência, suas experiências de vida, contadas a partir da arte do teatro, propiciando o processo de ação-reflexão-ação.

**Palavras-chaves:** Educação Popular. Círculos de Cultura. Teatro Fórum.

**Introdução**

Fazer pesquisa em educação popular é trazer à tona ações humanas coletivas muitas vezes marcadas por conflitos vivenciados pelos homens em contextos de relações de poder e, ao mesmo tempo, buscar a compreensão da realidade social a partir de uma *práxis* educativa que tem como ponto principal a participação popular.

A educação popular acompanha, apoia e inspira ações de transformação social. Nela, o processo educativo se dá na ação de mudar padrões de conduta, modos de vida, atitudes e reações sociais. Portanto, se a realidade social é ponto de partida do processo educativo, este volta a ela para transformá-la. (WERTHEIN, 1985, p. 22)

Desta forma, a educação popular representa um “laboratório de produção de saberes” em que são valorizadas as histórias de vida do outro, seus saberes e fazeres e experienciados os conflitos e problemas sociais em que estão inseridos.

A partir deste pressuposto, o artigo aqui apresentado destaca a importância de dispositivos do teatro do oprimido para experiências de educação popular. A pesquisa de cunho qualitativo estuda empiricamente ações realizadas pelo Grupo de Extensão Diálogos em Paulo Freire e Educação Popular (LEFREIRE) inspiradas nos “círculos de cultura” teorizados por Paulo Freire nas quais o Teatro do Oprimido, traz à tona experiências vivenciadas por seus participantes.

A atividade de campo pautada na observação das ações extensionistas faz parte de um trabalho dissertativo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) e subsidia também uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), ambos da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

De acordo com Gil:

[…] no estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação. […] num estudo de campo, a ênfase poderá estar, por exemplo, na análise da estrutura do poder local ou das formas de associação verificadas entre seus moradores. (GIL, 2008, p. 57)

Esse tipo de pesquisa tem oportunizado informações vindas diretamente da realidade das pessoas da comunidade pesquisada. No contexto da sociedade capitalista, as pequenas comunidades e seus saberes são subsumidas. Porém, a educação popular, atuante como um articulador social, procura promover situações em que estas ganhem visibilidade.

No contexto estudado, mantendo suas características de lazer e entretenimento, o teatro, considerado em sua função didática, pode tornar-se ferramenta de conscientização e politização trazendo questões do convívio social.

Todo teatro é necessariamente político, porque políticas são todas as atividades do homem, e o teatro é uma delas. Os que pretendem separar o teatro da política, pretendem conduzir-nos ao erro – e esta é uma atitude política. [...] o teatro é uma arma, uma arma muito eficiente, por isso é necessário lutar por ele, por isso as classes dominantes permanentemente tentam apropriar-se do teatro e utilizá-lo como instrumento de dominação. (BOAL, 1977, p. 01).

Na atividade observada, através das ações do teatro fórum, as pessoas da Comunidade de Gangorra (Tibau/RN), participantes expuseram sua realidade política, social, trabalhista, entre outras.

1. **O Teatro Fórum – dispositivo do Teatro do Oprimido**

O Teatro Fórum, uma das técnicas do Teatro do Oprimido idealizado por Augusto Boal, trata-se de uma técnica teatral em que os atores representam uma cena que traz uma problemática. A partir dela é proposta aos espectadores uma nova ação cênica, a ser realizada por estes últimos, possibilitando encontrar soluções para a problemática apresentada inicialmente.

O Teatro Fórum – talvez a forma do Teatro do Oprimido (TO) mais democrática e, certamente, a mais conhecida e praticada em todo o mundo, usa ou pode usar todos os recursos de todas as formas teatrais conhecidas, a estas acrescentando uma característica essencial: os espectadores - aos quais chamamos de Spect-atores - são convidados a entrar em cena e, atuando teatralmente e não apenas usando palavra, revelar seus pensamentos, desejos e estratégias que podem sugerir, ao grupo o qual pertencem, um leque de alternativas possíveis por eles próprios inventadas: o teatro deve ser um ensaio para a ação da vida real, e não um fim em si mesmo. (BOAL, 2012, p. 19)

Todos são “spect-atores”, de forma que protagonizam e transformam a realidade social, agindo na realidade e modificando a cena, em uma linguagem que possibilita o diálogo com o diferente, entrelaçando o teatro com a educação, trazendo novas maneiras de lidar com o saber, buscando uma conscientização através desses exercícios que possibilitam aos sujeitos envolvidos serem atores/autores.

Na ação observada, a escolha desse dispositivo surgiu através da aproximação entre o Projeto de Extensão Teatro imagem na sala de aula, da Faculdade de Educação (FE) da UERN, e o LEFREIRE, com colaboração do Grupo de Arruaça de Teatro, na busca constante de possibilidades de atuação dialógica do entrelaçamento entre a pesquisa e a extensão. As discussões constantes permitiram ao coletivo promovido pelos três grupos chegar à proposta do teatro como uma possibilidade de trazer à tona um pouco do vivido pela população alvo das ações de pesquisa e extensão. Neste sentido, poderiam ser trabalhados problemas cotidianos daquela população, problemas esses que estão inseridos nas mais diversas classes populares de nosso país, principalmente as camponesas.

A arte do teatro, mais precisamente o Teatro Fórum, oferece novas e amplas possibilidades de expandir o pensamento crítico-reflexivo, construindo novos saberes a partir do diálogo no sentido libertador.

O Teatro do Oprimido, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É ação em si mesmo, e é preparação para ações futuras. "Não basta interpretar a realidade: é necessário transformá-la!" - disse Marx, com admirável simplicidade. (BOAL, 2012, p.19)

Esta possibilidade de atuação dialógica oportuniza o debate dos temas apresentados em cena de forma a promover a opinião, em concordância ou discordância, a expressão das ideias sem ficar apenas na comunicação oral, mas fazendo parte das cenas de maneira a encontrar coletivamente alternativas na busca de solucionar possíveis problemas levantados.

A pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes aí e tem que ter, nos próprios oprimidos que se saibam ou comecem criticamente a saber-se oprimidos, um dos seus sujeitos. “Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos, quer dizer, pode fazer deles seres desditados, objetos de um “tratamento” humanitarista, para tentar, através de exemplos retirados de entre os opressores, modelos para a sua” promoção”. Os oprimidos hão de ser o exemplo para si mesmos, na luta por sua redenção. (FREIRE 1987, p. 22).

O real objetivo do Teatro Fórum não é apresentar alternativas definitivas para solucionar os problemas vivenciados pela população e levantados em cena, mas sim, despertar possibilidades que poderão acontecer na vida social daquelas pessoas que estão envolvidas. Possibilita ao sujeito fazer uma crítica aquela realidade levantada em cena, construindo uma desconstrução da estrutura dominante que existe nas sociedades e que é apresentada nas cenas. Essa participação popular nas cenas de teatro traz diversas ações que possibilitam uma melhor compreensão da realidade e a construção de um processo de conscientização entre os presentes nas atividades.

A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica, na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e o homem assume uma posição epistemológica. (FREIRE, 1980, p. 26)

Pesquisas dentro desse contexto de educação popular podem tornar-se campos de possíveis denúncias de realidades opressoras que levam aos oprimidos perceberem a situação na qual estes estão imersos. São verdadeiros anúncios de que a história vivida por determinadas população não chegou a seu ponto final. Realidades são multáveis, como diz Freire:

Nenhuma realidade é porque tem que ser. A realidade pode e deve ser mutável, deve ser transformável. Mas, para justificar os interesses que obstaculizam a mudança, é preciso dizer que “é assim mesmo”. O discurso da impossibilidade é, portanto, um discurso ideológico e reacionário. Para confrontar o discurso ideológico da impossibilidade de mudar, tem-se de fazer um discurso também ideológico de que tudo pode mudar. Eu não aceito, eu recuso completamente essa afirmação, profundamente pessimista, de que não é possível mudar. (FREIRE, 2001, p. 169)

Entrar nesse campo da educação popular é falar de histórias de vidas, é falar de sonhos, esperanças e conflitos de povos que buscam ser notados por uma sociedade que caminha em meio a desigualdade para que um dia possam ter os seus direitos validados e não apenas expressados em discursos vazios.

1. **O Teatro Fórum e os círculos de cultura**

A ideia de círculos de cultura foi pensada por Paulo Freire como momentos em que os homens expõem sua realidade e as problematizam.

Em lugar do professor, com tradições fortemente “doadoras” o Coordenador de Debates. Em lugar da aula discursiva, o diálogo. Em lugar do aluno passivo, o participante de grupo. Em lugar dos programas alienados, programação “reduzida e modificada” em unidades de aprendizado. (FREIRE, 2006, p. 111)

Esta ferramenta pedagógica, idealizada inicialmente com a intenção de alfabetizar adultos na perspectiva da conscientização e emancipação, foi se ampliando em várias áreas do conhecimento ao passo que a produção teórico-prática do autor se desenvolveu. Entre essas áreas encontra-se a educação popular.

Foi inspirado nesta ideia e fundamentado nos conceitos que a fundamentam que o LEFREIRE realizou a ação já aqui apresentada. A apresentação do poema “O que estilhaça o amor?” do escritor Ray Lima por atores do “Grupo Arruaça de Teatro” iniciou a atividade, continuada pelos participantes dos projetos de extensão já citados. Em continuidade, o teatro fórum, em sua primeira cena, trouxe resquícios da realidade da Comunidade, mostrando o trabalho braçal decorrente do âmbito da jornada de trabalho em uma firma de plantação de melão, retratando a exploração daqueles trabalhadores, advinda por um patrão extremante opressor, que demostrava a sua compulsão em apenas obter o lucro que aqueles trabalhadores poderiam render a sua empresa.

Em seu livro Pedagogia do Oprimido, Freire traz reflexões sobre as relações de opressão:

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E ai está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, este poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. (FREIRE 1987, p. 17)

O teatro trouxe, em sua segunda cena, as dificuldades enfrentadas por uma família camponesa, da qual fazia parte um dos trabalhadores da cena anterior. Em meio aos problemas sociais relacionados a trabalho, educação, política, entre outros, lutavam para conseguir sobreviver, cada um de acordo e a partir de sua maneira de ver o mundo. Em uma das partes da cena, o lado materno da família prioriza que uma das suas filhas, a qual gostava muito de estudar, fosse realizar os afazeres domésticos, esses que segundo a mãe da menina era mais importante.

A terceira cena acontece em uma sala de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e apresenta a persistência de uma professora que tenta, a todo custo, motivar seus alunos para que possam prestar atenção em sua aula e, consequentemente, continuar os estudos, já que muitos pensam em desistir. Na cena, como também na realidade da Comunidade, os alunos trabalham o dia inteiro e chegam ao ambiente educacional com dificuldades que vão desde o a locomoção até o desgaste físico decorrente dos afazeres da empresa de melão ou mesmo do manuseio das suas lavouras.

Após o termino das três cenas, foram formados subgrupos que conversaram sobre as cenas apresentadas, a realidade da comunidade, a partir das falas dos seus moradores, muito deles senhores e senhoras que nasceram e/ou moram há muitos anos na Gangorra. Com esse levantamento, realizado de forma mais natural possível, foram montadas novas cenas na mesma temática das anteriores e com participação do público expectador. Estando eles assumindo a posição dos personagens, foi-lhes oportunizado intervir nas cenas demonstrando possibilidades de sua modificação.

O teatro como eixo condutor, numa perspectiva educacional, teve a intencionalidade de abordar assuntos do cotidiano daquelas pessoas tais como educação, trabalho, monocultura, opressão advinda do modo de produção capitalista, política, entre outros. Esse momento, precursor de vários outros momentos, possibilitou o adentramento no processo de ação-reflexão-ação não se resumindo somente à Comunidade, mas a todos que estavam presentes.

Neste sentido, a atividade revelou-se potencialmente produtiva, pois através dela foi possível construir uma relação dialógica que abriu caminhos para a problematização das situações que foram sendo levantadas através das temáticas que as cenas trouxeram para aquela experiência. O teatro dentro das ações de pesquisa e extensão observadas, inspiradas nos círculos de cultura freireanos, despertou reflexões e problematizações dentro do contexto vivido por vários moradores daquela comunidade, contextos esses que já eram conhecidos pelo LEFREIRE através dos vários momentos de interação e de conversação já vivenciados com moradores da Comunidade de Gangorra.

**Considerações finais**

Essa experiência em educação popular com o Teatro Fórum dentro de uma atividade inspirada nos círculos de cultura oportunizou conhecer um pouco das vivências da Gangorra a partir do olhar dos seus moradores. A participação da Comunidade nas cenas trouxe uma visão mais completa dos problemas existentes em seu dia-a-dia. Parte dos saberes e fazeres daquela população foram externadas nas cenas que eles ressignificaram, propiciando aos pesquisadores-extensionistas um material rico para a continuidade das ações em curso.

O Teatro Fórum permitiu um olhar mais macro e ao mesmo tempo micro sobre a realidade daquela população, micro no sentido de perceber alguns detalhes que anteriormente não haviam sido percebidos. Possibilitou, de uma forma leve e descontraída, problematizar a realidade dos moradores não a partir do olhar dos pesquisadores-extensionistas, mas a partir do olhar deles sobre suas próprias vivências e seus anseios no que diz respeito não só a seus saberes e fazeres, mas aos seus estudos, trabalho, saúde e alguns outros problemas encontrados na Comunidade.

**Referências**

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1977.

BOAL, Augusto**. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas.** 12ª edição. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2012.

FREIRE, A.M. de A. (org.) **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Unesp, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.

GIL, Antonio Carlos**. Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

WERTHEIN, J. (org.) **Educação de Adultos na América Latina**. Campinas/SP: Papirus, 1985.